

EDUCAÇÃO INFANTIL: MAQUINARIA DE FORMAÇÃO DE SUJEITOS

Luana Alves de Oliveira¹
Ana Raquel Lopes Pereira²

RESUMO

No quadro político atual que vivemos se faz cada vez mais necessário discussões acerca da importância da educação infantil da mais tenra idade pois apesar da educação infantil em creches já tenha mostrado seu valor na formação de sujeitos. Encontramos no atual governo de nosso país um grupo de pessoas que estão no poder que desvalorizam completamente o ensino em creches. Por isso tomamos por base Emília Ferreiro, pedagoga que ressalta a importância da leitura ainda antes da criança saber ler e escrever, além do mais é também nas creches que a criança amplia seu contato com uma nova realidade que enriquece a construção de subjetividade devido ao contato com profissionais capacitados para auxiliar nesse processo de leitura e de contato com brincadeiras que direcionam o aluno para um processo de ensino-aprendizagem que é fundamental para o processo de desenvolvimento intelectual e emocional da criança. Tomando por base a LDB, pode-se verificar a importância e o valor desta etapa da educação para a criança. Mostrando também o processo Histórico para introdução das creches no ensino infantil, revendo assim as necessidades que deram origem a esse processo e com isto verificando a necessidade da permanência das creches na educação infantil.

Palavras-chave: criança, subjetividade, leitura e experiência.

INTRODUÇÃO

Este artigo de estágio supervisionado de Educação Infantil tem como objetivo demonstrar não só a realidade das creches como também mostrar que na educação infantil hoje vem tendo mais destaque no cenário da educação, pois por muito tempo a educação infantil de 0 a 4 anos foi marginalizada do processo de educação, ou seja, a educação das crianças nesses anos iniciais não era vista como um direito da criança. Só era vista como um lugar onde os filhos ficavam enquanto suas mães trabalhavam. Hoje vemos com mais clareza o impacto que as creches vem causando na educação dessas crianças. Pois o contato com a leitura, com as brincadeiras e com o processo de ensino –aprendizagem tem transformado de maneira significativa o aprendizado, dando uma alavancada na educação.

¹ Mestrado na Universidade Federal - UFRN, luana.nt@hotmail.com;

² Graduada no Curso de Filosofia, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB anaraquel.filosofia@email.com;

Mas muito são os desafios da educação dessa fase específica pois embora tenha tido vários avanços na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), muitos são os desafios que a educação infantil em seus anos iniciais tem enfrentado, como por exemplo comprovar sua importância para a sua permanência no nosso quadro educativo. Pois já se fala constantemente na extinção das creches, já que a matrícula obrigatória dos alunos só se dá no momento em que o aluno completa 4 anos. Quanto a forma do professor lecionar da melhor maneira nessa faixa etária eu diria que seria observar o método freiriano de observar a realidade que ele está inserido desde os anos iniciais da educação. Por isso que as tendências pedagógicas e práticas educativas devem estar ligadas ao seu cotidiano, senão o ensino de modo geral se torna alienado do processo de formação dos alunos e de difícil apreensão, principalmente nessa faixa etária onde o aluno está iniciando seu contato com o mundo de modo geral. É preciso ter em mente que o aluno NÃO é uma tábula rasa, nem uma folha de papel em branco.

Assim, devemos perceber a grande importância de se debater sobre a grande relevância que as creches trazem para formação intelectual do aluno, pois é um assunto de grande relevância para que se possa discutir a importância de uma educação voltada para crianças menores de 4 anos pois é nesse período que se dá uma etapa muito importante na educação pois ocorre o desenvolvimento de habilidades que possibilitem a compreensão e a interiorização do mundo humano pela criança.

METODOLOGIA

vemos o recurso didático, qualquer que seja ele: o livro, o áudio, o vídeo, o data-show; como o que realmente são: ferramentas, e na dependência da relação que se estabelece com eles, por exemplo: uma tela, uma fotografia, uma imagem qualquer; são documentos históricos.

Seja como ferramentas (recursos técnicos), seja como documentos históricos (fontes), o conhecimento não está nesses artefatos, mas no professor que faz desses artefatos, em virtude dos conhecimentos que tem uma ferramenta e um documento.

Obviamente, não se pode transmitir algum conhecimento sem um suporte didático, mas também não é certo atribuir uma má aula à falta de um data-show.

Recurso didático e transmissão de conhecimento tem um certo grau de dependência, mas o que é inquestionavelmente absoluto é que de um mal professor não pode sair uma boa aula, sendo pois o professor; sua postura, seus gestos, sua voz, sua emotividade, sua alma em fim; o recurso didático por excelência. É o conhecimento do professor que vai fazer valer a utilização dos recursos técnicos pedagógicos.

Ilustrando uma aula a partir de um vídeo, ou mesmo da exposição de uma imagem do livro didático, está na dependência do conhecimento do professor a capacidade de problematização, capacidade essa que vai fazer da aula uma aula interessante, envolvente, conectada com a vida e a realidade do aluno. É essa capacidade que vai levantar importantes questões capazes de reescrever o livro didático. E de desenvolver no aluno uma certa criticidade.

Essa criticidade, essência de toda educação de qualidade, não vem das aulas enfeitadas com fitas e cartolinas, com dinâmicas que fazem do momento da aula um recreio para “engolir o tempo” e “encher lingüiça”, mas do professor responsável comprometido com o saber e que dignifica a sua função.

São comuns as reclamações sobre a falta de livros didáticos para os alunos e seus conteúdos; são comuns as reclamações sobre a falta de recursos didáticos tecnologicamente modernos nas escolas públicas, tudo isso é válido e que se façam reclamações, mas essas condições não devem servir de pretexto para justificar uma escola pública desqualificada.

Em nosso curso universitário, aprendemos a partir do pensamento de Foucault, que por mais disciplinadora que seja uma sociedade, não existe uma sociedade disciplinada, ou seja, por mais repressor que seja o sistema há sempre as brechas por onde se pode ser livre e criar movimentos de resistência.

Em relação ao livro didático e seu conteúdo, em relação à insuficiência de um recurso didático adequado, o professor deve procurar as brechas e sobressair-se de forma poética, dobrando as situações e dobrando-se.

Essa *astúcia* do professor, face às *estratégias* do currículo, torna-o responsável e senhor de suas aulas e faz de suas aulas, aulas mais proveitosas capazes de dialogar com qualquer situação.

Principalmente na escola pública, aonde um grande contingente de alunos vem de famílias pobres e que por isso ainda jovem se veem divididos entre os compromissos profissionais e escolares, ou de adultos que por dificuldades financeiras começam a estudar tardiamente, como é o caso dos alunos do EJA (Programa de governo para o Ensino de Jovens e Adultos), é comum um grande número de faltas as aulas e hesitações quanto a conclusão de seus cursos no ano letivo. Essa dura realidade deve cativar a sensibilidade do professor e o professor não deve respondê-la como que respondendo os deveres do aluno, mas, criativamente, deve criar condições para que o aluno possa concluir seus cursos, para que o aluno possa criar suas “brechas”. Se o professor se petrifica ao ritmo conteudista do livro didático lhes faltará essa condição.

Em fim o professor deve zelar pela sua liberdade. Nada que o prenda, nada que o impeça de agir e tomar decisões para o bem de seus alunos. Nem currículos, nem programas gerais de educação geridos nos Congressos protegidos pelos planaltos da vida e longe da realidade de cada um, deve objetivar o professor. O professor trabalha com seres humanos é um humanista e como humanista deve ser singular, deve ver de forma singular, sentir e agir de forma singular. O professor currículo não é um humanista é uma cartilha é um programa que não percebe que em sala de aula há em cada voz, em cada canto, um encanto e um desencanto, uma dor e uma dificuldade que a sua luz deve espargir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste texto é pensar a leitura e a escrita como um lugar importante na produção da subjetividade das crianças, portanto em relação a produção do sujeito. A partir dos conceitos de escrita e de leitura de Michel Foucault, que são as principais bases teóricas deste texto. Gostaríamos de começar com uma imagem muito interessante e que nos chamou muita atenção, a qual se encontra no final do livro “As Palavras e as Coisas” de Michel Foucault, que é a seguinte imagem: “O homem desapareceria como, na orla do mar, um rosto na areia.” A imagem remete a uma ideia de sujeito que não teria uma essência, o sujeito seria um desenho uma forma de uma época e que em outra época, como a onda do mar pode apagar essa forma e instaurar outras formas de ser sujeito.

O sujeito é a partir de um regime de saber e de poder de sua época, pois o indivíduo é o resultado de seu tempo. É a partir de um regime de leitura que podemos observar a subjetivação ou dessubjetivação dos indivíduos. Um exemplo de Como a educação produz subjetivação e dessubjetivação são as cartas de Madalena, personagem central da obra São Bernardo de Graciliano Ramos. Onde a leitura e a escrita de Madalena é a única forma de ela fugir um pouco das agressões e maus tratos de Paulo Honório. As cartas que Madalena escreve e que seu marido nunca teve acesso com exceção da última carta é a única maneira que ela conseguiu para mudar seu comportamento e suas atitudes diante da vida. Para que possa ela suportar sua vida com um pouco mais de alegria. A educação é para Madalena lugar de subjetivação e dessubjetivação.

Outro exemplo pode ser encontrado em um filme que vimos atualmente e que nos chamou muita atenção, o nome do filme é “PS eu te amo,” dirigido por Richard Lagravenese que tem como personagens principais Holly Kennedy e Gerry e tem como questão central a morte de Gerry. Mas o principal problema é a dor que a esposa sente diante de sua morte. Então sabendo de sua morte eminente Gerry escreve algumas cartas que vão ser entregues depois de sua morte e a partir dessas cartas, Holly vai aos poucos superando sua dor, pois as cartas ajudam a encarar os fatos, abraçar a dor e aceitar a morte na sua vida e decide voltar a viver. Tanto no filme como no livro a leitura assume o lugar de uma dessubjetivação ou de uma reinvenção do sujeito. A partir do qual é possível a produção de um duplo, de uma dobra de força que se dobra e que dobra a vida.

A leitura e a escrita está neste filme e neste livro como sinônimo de experiência, no sentido foucaultiano de experiência, e o que seria experiência no sentido foucaultiano? Seria aquilo que transforma deforma o sujeito aquilo de que não se sai, senão alterado, tocado, comovido. Temos consciência que muitos pensarão que dar exemplos de livros e filmes não contam porque são personagens de uma ficção, e isso não corresponde a realidade. A estas pessoas comunicamos que embora a arte de um modo geral tenha entrado em uma crise, e que na sociedade atual essa crise impera sem muitos terem se quer conhecimento, pois durante muito tempo a arte era vista para retratar a realidade, ela era vista como um espelho do real. É uma pena que com o desenvolvimento de outros saberes como a Sociologia, a

Psicologia, a Geografia, etc. a Literatura e a arte de forma geral foram deixadas meio que de lado.

Não porque ela tenham deixado de exercer esse papel de retratar o real, mas porque pouco a pouco esse função das artes foram sendo esquecidas e transferidas para outros campos do saber. E é nisso que se constitui a crise das artes de um modo geral e assim, as pessoas começaram a deixar de enxergar esse papel tão peculiar da arte. E ela é vista hoje em dia pela maioria das pessoas, como uma forma de lazer quando estamos no ócio, ou seja, quando queremos descansar vemos um bom filme ou lemos um romance literário. Não que isso seja errado, mas o grande problema é que as artes de maneira geral se reduziu apenas a esse papel tão pobre e mirrado e as pessoas geralmente não percebem a função de um romance ou de um filme, não conseguem enxergar o valor e a importância que tem tudo isso, a ficção não é um lugar fora da realidade, como muitos acreditam, pelo contrario ela retrata uma realidade, é claro que os personagens são inventados, mas eles são um espelho humano. São reflexo de nossas taras, de nossas perversidades, daquilo que provavelmente nos faria felizes ou infelizes, de nossos sentimentos angelicais, enfim do ser humano e das situações que vivenciamos de uma maneira geral. Quantas vezes não temos um susto ao ver em um desses personagens características tão nossos sentimentos que muitas vezes não tínhamos coragem de falar para ninguém nem para nós mesmos e de repente eles estão lá nos personagens inventados. Tudo isso serve para que possamos refletir ainda mais na importância da leitura e da escrita, pois a partir dela podemos fazer coisas fantásticas, como da vida a um personagem que instiga as pessoas a refletirem sobre suas próprias vidas. Ou fazer a leitura de um livro, ou de um filme, pois não fazemos apenas a leitura de letras, mas de tudo que está posto a nossa percepção, podemos fazer nossa leitura de Mundo a partir daquilo que vemos ou tocamos, enfim de tudo que é posto ao nosso alcance, sendo assim um filme ou um romance de boa qualidade pode possibilitar aos indivíduos transformarem a si mesmo. Em outras palavras são maquinarias de subjetivação e dessubjetivação.

A experiência foucaultiana como se pode observar é diferente da experiência segundo o conceito vulgar. Para Michel Foucault a experiência é aquilo que possibilita um corte numa existência, uma dessubjetivação, Foucault pensou esse conceito para a escrita. Para ele, influenciado por Blanchot, o escritor escreve para

tornar-se o outro de si mesmo, para desencontrar-se, para perder-se de si mesmo. Escrita com lugar de dessubjetivação, mas também a leitura pode funcionar dessa forma. Ela não traz apenas erudição, conhecimento, acúmulo de informação. Podemos fazer a leitura de um texto de um filme, de uma paisagem. Porque como já dissemos, não lemos apenas letras, lemos quadros, olhares, acontecimentos, a leitura pode levar a uma dessubjetivação, um desencontro de si consigo mesmo. Pode levar o indivíduo a movimentos inusitados.

Na leitura de personagens seja num livro, ou num filme, ou até mesmo no nosso cotidiano se vê a grande relevância que se tem nas creches para uma rica produção de subjetividades. Já que é na mais tenra idade que se tem a formação de nossos valores, de nossa personalidade, de nossas crenças e costumes. Enfim a educação de creches tem mostrado uma grande ferramenta da educação para formação de um povo mais rico culturalmente falando, contribuindo para formação do cidadão mais esclarecido.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Assim está definida na Base Nacional Comum Curricular:

“Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.” (BRASIL, 2017, p.38)

A finalidade dessa etapa está posta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 29: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como **finalidade** o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996, grifos nossos.) . observe-se, pois, que a finalidade da educação infantil está diretamente vinculada a uma ação complementar na promoção do desenvolvimento integral da criança.

Garantida enquanto etapa da educação básica, a educação infantil deve ser ofertada pelo Município e está dividida pela LDB em duas fases: creche, para crianças de 0 a 3 anos e pré-escola, para crianças de 4 a 5 anos. Sendo a primeira etapa não-obrigatória em termos de matrícula da criança e a segunda, obrigatória. Pois nas garantias deste mesmo documento, está posta a obrigatoriedade dos pais matriculares suas crianças no ano em que completarem 4 anos, com ponto de corte:

31 de março. Implicando dizer que se a criança completa 4 anos em abril daquele ano, os pais já têm essa obrigatoriedade.

Mas essa ainda é uma história recente na educação escolar universal e na educação escolar brasileira:

“A criança sempre foi vista como um ser incompleto, incapaz e a idéia de infância não existia, tanto que a origem da palavra infância é de infans – aquele que não fala. Com as transformações sociais iniciadas lentamente na idade média, parcela dessa infância, ora era tida como miniatura dos adultos, se misturando a eles e vivendo de acordo com seus costumes, ora como bibelôs. Pode-se afirmar que Montaigne e Rosseau foram os grandes contribuidores para a gênese da Infância” (GUIRALDELLI, 1996).

Com a emergência do sistema industrial e o crescimento da produção agrária, as mulheres terminam adentrando no mercado do trabalho, visto que a mão de obra masculina tornou-se insuficiente no mercado de trabalho. O que impõe às fábricas a necessidade de contratarem mulheres para serviços antes exercidos apenas por homens. Em decorrência desse fator, surge a necessidade de criação de lugares e também de pessoas para cuidarem dos filhos das novas operárias. Emerge a partir desse contexto um novo olhar para a criança: esta começa a ser pensada e entendida como ser que precisa de cuidados; cuidados esses antes relacionados apenas à função materna.

Entretanto, é importante ressaltar que a emergência desse espaço para o cuidado das crianças não implica em políticas educacionais ou diretrizes pedagógicas. Não existiam programas voltados para a infância no campo da educação. Como afirma Nascimento, com base na pesquisa desenvolvida pela historiadora Mary Del Priori A (“História da criança no Brasil”)::

“As crianças das classes mais abastadas, segundo Del Priori , eram educadas por preceptores particulares, não tendo frequentado escolas até o início do século XX, e os filhos dos pobres, desde muito cedo, eram considerados força produtiva, não tendo a educação como prioridade.” (NASCIMENTO, p 29 ,2009)

Assim, as crianças pobres passam a ser acolhidas em instituições criadas pelas próprias empresas, e não pelo Estado. Instituições estas que não estavam voltadas, nem foram criadas por conta dos direitos da criança à educação, mas pelas necessidades inerentes ao mercado de trabalho.

“Sendo de propriedade das empresas, a creche e as demais instituições sociais eram usadas por elas nos ajustes das relações de trabalho. O fato de o filho da operária estar sendo atendido em instituições montadas pelas fábricas passou, até, a ser reconhecido por alguns empresários como algo

vantajoso, por provocar um aumento de produção por parte da mãe.”
(OLIVEIRA, ZILMA, p.96, 2008)

No Brasil, a educação infantil vai se tornando pouco a pouco uma realidade escolar, cujo grande marco foi sem dúvida a constituição Federal de 1988. Entretanto como chama atenção a BNCC, a década de 80, ainda apresenta um olhar que desvincula educação infantil de educação escolar:

“A expressão educação “pré-escolar”, utilizada no Brasil até a década de 1980, expressava o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental. Situava-se, portanto, fora da educação formal.” (BRASIL, 2017, p. 35)

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 6 anos de idade torna-se dever do Estado. Entretanto, é com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil torna-se parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No ano de 2006, tem-se uma modificação introduzida na LDB, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos. (BRASIL, 2017).

Entretanto, mesmo considerada como etapa, a educação infantil ainda não se torna obrigatória, como bem chama atenção o texto da BNCC sobre essa etapa:

“Entretanto, embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/200926, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil.”(BRASIL, 2017, p.36)

Em termos pedagógicos, a BNCC compreenderá a educação infantil a partir do conceito de experiência. Partindo desse conceito constrói os campos de experiências, onde se inserem as habilidades a serem desenvolvidas nessa etapa, tanto na primeira quanto na segunda fase. Entretanto, o texto não parte dessa separação dada pela LDB para organizar os campos de experiência, mas de uma divisão das crianças em faixas etárias.

“Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, que correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças.”
(BRASIL, 2017, p.46)

Sendo que dois desses grupos estão na creche: Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) . o terceiro grupo corresponde à pré-escola: Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Com relação aos campos de experiência, temos: **O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.**

O primeiro campo de experiência - **O eu, o outro e o nós** - compreende que é na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. É preciso que, na Educação Infantil sejam criadas oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. (BRASIL 2017)

O segundo campo de experiência - **Corpo, gestos e movimentos** - compreende o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), como lugar a partir do qual as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Assim, por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. (BRASIL, 2017)

O terceiro campo de experiência - **Traços, sons, cores e formas** - entende que o conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças vivenciar diversas formas de expressão e linguagens: artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual. A BNCC compreende que com base nessas experiências, as crianças podem se expressar por meio de várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças,

mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos.

O quarto campo de experiência - **Escuta, fala, pensamento e imaginação** – entende que as crianças desde o nascimento, crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. (BNCC, 2017)

Assim para a BNCC na Educação Infantil, é importante que se promova experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, tendo em vista a potencialização de sua participação na cultura oral, pois seria na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui, segundo a BNCC, *ativamente* como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

O quinto campo de experiência - **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações** – compreende que as crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade. (BRASIL, 2017)

Dessa forma, para a BNCC, a Educação Infantil deve promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. O que possibilitaria a criação e oferta de oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.

Faz-se necessário ainda salientar que todos os campos de experiências pensados para a educação infantil não podem estar em discordância com os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica que seriam: as interações e a brincadeira. Deve-se salientar ainda que toda formação para

professores dessa etapa mais do que trabalhar conteúdos, deve pensar um professor que dialogue com os eixos estruturantes de forma lúdica, mais também responsável, compreendendo que as brincadeiras não são meras ferramentas que permitem passar o tempo, mas espaços importantes de socialização, empoderamento infantil e aprendizagem.

O processo ensino-aprendizagem no que se refere ao uso das propostas teórico-pedagógicas a partir do lugar do professor ante a sala de aula foi uma de nossas inquietações.

Seria interessante trazer para este artigo um pouco da experiência que adquirimos com o estágio pois, as teorias e a relevância delas só se dá com a prática por isso enquanto da nossa cadeira de estagiário observávamos a relação do professor com os alunos, vinha a memória as disciplinas teóricas pedagógicas e cruzando informações teóricas com a realidade, percebia que não raro, o arsenal teórico não condiz com a realidade da sala de aula, o que me permitia problematizar a condição dos cursos formadores de professores, ou seja, se os conteúdos neles abordados têm possibilidades de serem utilizados ou não na sala de aula.

A fim de compatibilizar os pressupostos teóricos que fundamentam a prática pedagógica e a vivência do professor na sala de aula, percebi duas questões-chaves do processo ensino-aprendizagem e o professor, que são questões que competem aos aspectos “meta-teóricos” e os “elementos idiossincráticos” do fenômeno educacional, o que respectivamente são questões identificadas com a teoria e a realidade sócio-cultural marcada pelas relações entre professores e alunos.

Vista em si mesma, as teorias que fundamentam os processos pedagógicos nos remetem a uma realidade *arque genealógica*³, realidade contingencial nas quais elas emergiram e somente nas quais elas têm plena validade. Percebendo esse fato, MIZUKAMI (1986) comenta:

“Não há teoria que, por sua própria natureza, fins e propriedades, seja elaborada e resista às mudanças sociais, filosóficas e psicológicas, pelo menos do ponto de vista do ser humano que a examina, a utiliza e participa do mundo que o cerca.” (p.106)

³ Conceito foucaultiano que a partir das práticas discursivas e não discursivas que fundamentam regimes de verdades forjados na relação saber e poder

Da citação a cima, fica claro que toda e qualquer teoria não é boa nem ruim e podem adquirir esses valores na dependência da realidade na qual é utilizada.

Para contornar o impasse da relativização, que muitas vezes leva a um uso anacrônico da teoria, a autora citada, propõe um olhar não ortodoxo sobre as questões teóricas e enfatiza que no limite da teoria deve-se levar em conta a experiência do professor e sua habilidade de articular as conceituações teóricas a fim de reescrevê-las constantemente.

Nessa perspectiva a autora propõe a formação de professores nos seguintes termos:

“... estruturação dos cursos de Licenciatura de forma a que teorias e práticas pedagógicas não fossem consideradas de forma dicotomizada, mas sim que, a partir da prática, se pudesse refletir, discutir, analisar, questionar, criticar diferentes opções teóricas em confronto com esta mesma prática” (FERREIRA, 1995, p.108)

A nosso ver, esse ponto de vista é extremamente válido porque determina não um sistema, mas um processo que permite a construção de um diálogo e entendimento entre o fazer pedagógico do professor e o alunos.

O sistema nos remete a um fazer pedagógico consumado, o processo nos remete a um fazer pedagógico dinâmico onde essencialmente não é a teoria que diz a prática, mas a prática que diz a teoria, ou seja, o cotidiano da sala de aula diz qual é a melhor teoria ou quais as melhores, ou que teoria deve ser criada.

Assim, temos uma teoria viva e não uma teoria morta, inadequada e desinteressante, mas, pela escolha do professor e de acordo com as necessidades da sala de aula, uma abordagem teórica interativa com a realidade da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a realização deste estudo foi crucial para uma melhor compreensão e reflexão sobre a educação infantil. Pois a teoria sem a prática é morta.

Com a experiência da sala de aula se pode repensar a educação de forma mais crítica e responsável. Uma vez que o aluno também é sujeito do processo de educação e sua vivência em sala nos possibilita refletir de forma mais madura o processo ensino-aprendizagem. Uma vez que a escola é produto do meio social em que vivemos, então se o meio social se modifica a escola acompanha essas mudanças. E que ao entrarmos em uma sala de aula temos que ter a certeza de que devemos levar em consideração as práticas pedagógicas de um modo geral tentando trazer para a realidade do aluno aquela que melhor se encaixa no seu perfil, e que o segredo para que haja uma boa aula está antes de tudo no professor e não nos recursos que ele utiliza.

Com toda essa reflexão acerca do contexto histórico, metodológico e conceitual acreditamos que se torna bastante clara a importância da iniciação da educação infantil acontecer em creches, ao contrário do que defende nosso atual governo. Uma vez que esta comunicação teve como objetivo demonstrar a importância da educação na formação dos sujeitos, pois a educação é uma maquinaria na produção de sujeitos pois é a partir da leitura e da escrita que construímos nossa subjetividade, já que para ele, nós não possuímos uma essência, nós somos formados pela época em que vivemos, ou melhor, pela educação que obtemos. A leitura e a escrita por produzir subjetividade podem possibilitar ao sujeito uma dobra de si sobre si mesmo, ou seja, possibilita uma experiência no sentido foucaultiano, que é diferente do conceito de experiência agenciado no sentido comum. Para Foucault, a experiência é aquilo que possibilita um corte numa existência, uma dessubjetivação. Pensar o conceito de dobra ou de experiência para a leitura e para a escrita é colocar para educação um papel fundamental na formação dos sujeitos. E quando falamos em leitura não estamos nos referindo apenas a letras, pois podemos fazer a leitura de um filme, de uma imagem, de um fato da vida cotidiana, de uma paisagem e de inúmeras outras coisas. Em fim, são muitas as contribuições que a filosofia foucaultiana, nos ajudando a pensar sobre a importância da escrita e da leitura para a (de) formação do sujeito. Assim entendemos que a leitura nesta fase inicial da educação se dá a partir das brincadeiras tão presentes nas creches, das leituras de historinhas feitas pelo professor e de tantas outras ferramentas utilizadas nesta fase inicial da educação de crianças em creches.

REFERÊNCIAS

TONET, Ivo. Educação e cidadania. Campinas, São Paulo: Editora Átomo, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FERREIRA, Jane Reis. Prática Educativa. São Paulo: Graal, 1995.